

**Manuela Silva - Economista Prof. Universitária
(entrevista)****Quais são, na sua perspectiva, as competências, os saberes e os conhecimentos básicos que os jovens devem ter quando terminam o ciclo de estudos obrigatório?**

No final da escolaridade obrigatória, deve dar-se por adquirido:

- um razoável domínio da língua falada e escrita (compreensão de um texto sobre a vida corrente ; capacidade de expressão/comunicação oral e escrita de ideias e sentimentos; noções básicas de cálculo; certo nível de compreensão do ambiente físico e suas leis; conhecimento da vida biológica, suas funções e diversidade; um conhecimento da história do País e do mundo ocidental e suas relações com outros povos e culturas; conhecimentos básicos de economia e gestão; noções tecnológicas básicas, ao nível do saber fazer (arranjos domésticos, por exemplo; recursos básicos de informática; conhecimento da organização política do País e dos deveres e direitos de cidadania; noções básicas de ética.

Que mecanismos poderiam ser adoptados no sentido de promover valores como a cidadania e a integração no sistema educativo?

Mais do que por palavras, a cidadania aprende-se através do exercício de direitos e deveres. As crianças desde tenra idade devem aprender que têm direitos mas também têm deveres (na escola, como na família, e na sociedade em geral. Os meios de comunicação, em particular a televisão, têm neste âmbito um papel-chave passando às crianças mensagens de verdade, de responsabilidade, de cooperação, de cumprimento dos deveres e também apontando direitos fundamentais das crianças. Seria de desejar que fossem inscritos nos programas curriculares actividades de “construção de cidadania”.

Como é que sectores ligados ao universo económico podem contribuir para a melhoria do sistema educativo?

A meu ver, as empresas devem, sobretudo, preocupar-se com a formação ao longo da vida dos seus próprios trabalhadores/as. Mas também poderão – e deverão – manter uma boa cooperação com as escolas das áreas da sua respectiva implantação. Por exemplo, abrindo as suas portas a visitas de estudo que permitam às crianças tomarem conhecimento com a realidade do mundo do trabalho e até contribuir para que surjam certas vocações profissionais. Se a criança só vê futuro nos futebolistas que a televisão lhes dá a conhecer (os êxitos e os milhões que ganham) tenderá a ignorar e/ou subestimar o valor de outras profissões.

Como se poderá desenvolver no nosso País a valorização da educação, do conhecimento científico e da cultura?

Só vejo um caminho: uma forte acção por parte da sociedade civil e das diferentes forças políticas em estreita colaboração com os media, no sentido da valorização do conhecimento científico e da inovação. Não podemos deixar de ter presente que a televisão é um dos meios mais poderosos de transmissão de padrões de atitudes e comportamentos. A televisão pública tem, a este propósito, responsabilidades acrescidas. As universidades através das suas Faculdades da área científica são igualmente chamadas a fomentar o gosto pelo conhecimento científico, junto das populações mais jovens. Acho interessantes as iniciativas que já têm sido tomadas por alguns departamentos universitários no sentido de darem a conhecer o respectivo domínio de trabalho convidando alunos do secundário a visitarem as suas instalações

e a tomarem conhecimento dos seus projectos de pesquisa.

Que linhas estratégicas deverão ser seguidas na mudança da escola portuguesa?

A escola como instituição apresenta-se com um défice de valorização por parte da sociedade em geral, sobretudo junto dos estratos menos favorecidos da população. A valorização das escolas começa pela dignificação do espaço físico da escola. As autarquias devem ser responsabilizadas pela conservação dos imóveis onde as escolas funcionam. As condições físicas de conforto e de estética constituem um segundo patamar de dignificação das escolas – a escola como espaço onde é bom habitar, porque é clara, limpa, confortável. A escola no meio deve ser exemplo emblemático de qualidade estética e boa conservação.

Mas a escola, obviamente, não é apenas um espaço físico. Identifica-se com o seu corpo de professores e de funcionários. A motivação e a competência profissional e humana destes constituem requisitos essenciais na mudança da escola. Não é demais insistir na necessidade de programas de formação permanente dos docentes, uma formação que inclua: actualização do conhecimento científico, aprofundamento das práticas pedagógicas, informação acerca das inovações possíveis, formação ética e de desenvolvimento humano.

Como gostaria que fosse a escola portuguesa num horizonte de dez anos, nas suas missões essenciais?

Escola aberta aos desafios do futuro. Escola inclusiva, no sentido do acolhimento e integração das crianças e jovens das diferentes culturas e etnias que vivem em Portugal. Escola responsável por um ensino de qualidade e pela aquisição de elevada capacitação de cidadania por parte de alunos, pais, professores e funcionários. Escola aberta à população, designadamente aos pais dos alunos e alunas. Escola solidária com outros povos e culturas e empenhada num desenvolvimento global sustentável para todos.